

## **INDIVIDUAÇÃO, IMANÊNCIA E DIFERENÇA: RESSONÂNCIAS ENTRE GILBERT SIMONDON E BERGSON**

Alex Fabiano Correia Jardim<sup>1</sup>  
Warley Kelber Gusmão de Andrade<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta do artigo é apresentar uma crítica à ideia de consciência e/ou a primazia do eu a partir dos conceitos de *individuação, diferença e imanência*. Neste caso em especial, apresentaremos duas perspectivas que por vezes se corroboram: Falamos de Simondon e Bergson. Estes dois autores transformam a apoditicidade do ‘eu’ em miríades. Em ambos encontraremos uma crítica ao cogito que encontrará ecos importantes na fenomenologia de Husserl. Apesar desse último não ser o nosso objeto principal, em alguns momentos ele servirá de referência à crítica desenvolvida. Tanto em Bergson quanto Simondon poderemos encontrar a ideia de *diferença e individuação* transvasando os textos. E a diferença será o fio condutor para problematizarmos a *imanência*. Dessa maneira, *individuação, diferença e imanência* servirão de nervura para os implicar, traçando uma certa simpatia conceitual, uma amizade no pensamento.

**Palavras-Chave:** Individuação, Diferença, Consciência, Sujeito, Imanência.

**ABSTRACT:** The proposal of this article is a critique of the consciousness idea and the self’s primacy from the concepts of individuation, difference and immanence. In this particular case there are two perspectives that corroborate: Simondon and Bergson. These two authors transform an apoditicity of 'I' into myriads. In both we will find a critique of the cogito that meets the essential requirements in Husserl's phenomenology. Although this last author is not our main object, in some instances he will serve as a reference for developed criticism. In both Bergson and Simondon, we can find an idea of difference and individuation by transposing the texts. And the difference will be how they conduct the question of immanence. In this way, individuation, difference and immanence will serve as a nerve for the bases, drawing a certain conceptual sympathy, a friendship in thought.

**Keywords:** Individuation, Difference, Consciousness, Subject, Immanence.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, SP. Professor de História da Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia e Coordenador do Laboratório de Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento pela Unimontes, MG. E-mail: [alfaja@hotmail.com](mailto:alfaja@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, SP. Professor de Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em História da Filosofia pela Unimontes, MG. E-mail: [wkandrade@uneb.br](mailto:wkandrade@uneb.br)

Em sua obra *L'individu et sa g n se physico-biologique* (1964)<sup>3</sup>, Gilbert Simondon<sup>4</sup> nos apresentar  um conceito fundamental para início de conversa. Falamos do princípio de individualiza o<sup>5</sup>. Segundo Simondon, pensamos o mundo de forma binária, isto  , dois princípios que nos são dados imediatamente: o atomista (substancialista) - onde os indivíduos são constituídos a partir de uma realidade primária ou primeira (os átomos); e a hilemórfica, onde os indivíduos são pensados a partir da jun o entre matéria (hyl ) e forma (morph ). Elas se caracterizam, segundo a tradi o por afinidades, por algo que   comum entre elas, isto  , a ideia de origem e/ou princípio.

- Existe um princípio anterior   individualiza o propriamente dita;
- Pensar o indivíduo a partir dele já constituído. Como se estivesse “pronto”, finalizado. Isto  , parte-se de sua existência efetiva para problematizar o princípio.

Simondon vai denominar essa perspectiva de “ontogênese invertida”. Diferente da busca por origem e/ou princípio, a individualiza o será pensada por outras vias. Essa circularidade hiperbólica perderá sentido no instante que o campo problemático se desloca, ou seja, a questão agora   pensar o ‘ser em individualiza o’. Não há origem e nem fim, mas aspectos, passagens, travessias, encontros e ressonâncias. Teremos então em Simondon uma preocupa o em torno da descri o concreta da ontogênese<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> O primeiro capítulo da primeira parte intitulado: “Forme et mati re” e o segundo capítulo da segunda parte: “Individuation et information”, foram os que mais utilizamos para a elabora o desse texto. Simondon apresenta uma teoria a respeito das singularidades a partir da idéia de impessoalidade e pr -individualidade.

<sup>4</sup>Nascido em Saint-Etienne em 2 de outubro de 1924, Gilbert Simondon foi professor de Filosofia no Liceu Descartes de Tour entre 1948 a 1955. Assim como em Filosofia, formou-se também em Física. Em 1955 tornou-se professor assistente na Universidade de Poitiers. Sua tese de doutorado defendida em 1958 tratou de temas como: Individualiza o e também Dos Objetos Técnicos. Foi posteriormente professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris entre 1963 e 1969. E Professor de Psicologia da Universidade de Paris V entre 1969 e 1984. Coordenava um laboratório de Psicologia Geral no Instituto de Psicologia Henri Pi ron. Morreu em 1989. Suas principais obras são: O indivíduo e sua gênese físico-biológica (1964); A individualiza o psíquica e coletiva (1989). Ambas constituem 2 partes de sua tese principal apresentada em 1958. Não podemos esquecer, sobretudo do texto: Do modo de existência dos objetos técnicos.

<sup>5</sup>O princípio de individualiza o será pesquisado como um princípio capaz de dar conta dos caracteres do indivíduo, sem rela o necessária de outros aspectos do ser, que poderiam ser correlativos do aparecimento de um real indivíduo. Uma tal perspectiva de pesquisa d  um privilégio ontológico ao indivíduo constituído. Existe aí o risco de não se operar uma verdadeira ontogênese, de não substituir o indivíduo no sistema de realidade no qual a individualiza o se produz. (SIMONDON: 1964 p.01).

<sup>6</sup>No capítulo II *Individuation e Information*, Simondon fala do problema da ontogênese e também faz algumas ressalvas quanto ao seu entendimento: “Pode-se dizer que a ontogênese   uma problemática perpetuada, indo de soluço a soluço até a estabilidade completa que   a da forma adulta; entretanto, a maturaa o completa não   atingida por todas as fun es e todas as estruturas do ser no mesmo instante; vários caminhos da ontogênese prosseguem paralelamente tendo às vezes, uma alternância de atividade

Escapando-se da ideia em torno do sujeito constituído, o que importaria para Simondon é o entendimento que ao falarmos do sujeito, estaríamos pensando sempre em ‘algo relativo a’, ou seja, o sujeito sempre implicado ao movimento do ‘fazer-se’, de uma vida sempre em relação a algo, a alguma coisa. Uma vida pensada sempre a partir do encontro, das relações. Anterior a qualquer identidade, essência ou princípio como elementos constituidores do sujeito, teremos uma realidade pré-individual, ou seja, a completa ausência de qualquer princípio ou fundamento. A individuação por devir é uma qualidade positiva do ser, uma defasagem em relação a si mesmo.

É justamente nesse movimento que o ser se conserva e que Simondon denomina de *metaestabilidade*.

Encontraremos logo na Introdução da *Evolução Criadora*, de Bergson, uma afirmação que de certo modo contribuiria sobremaneira para ilustrar a fala de Simondon, vejamos:

De fato, sentimos perfeitamente que nenhuma das categorias do nosso pensamento, unidade, multiplicidade, causalidade mecânica, finalidade inteligente, etc., se aplica de forma exata às coisas da vida (...) “Em vão empurramos o vivo para dentro de tal ou tal de nossos quadros. Todos os quadros estouram. São estreitos demais, sobretudo, rígidos demais, para aquilo que gostaríamos de colocar neles. Nosso raciocínio aliás, tão seguro de si quando circula em meio às coisas inertes, sente-se pouco à vontade nesse novo terreno. (Bergson, 2005: X).

Observemos também o III Capítulo da mesma obra:

Assim é minha vida interior e assim é também a vida em geral. Se, em seu contato com a matéria, a vida é comparável com uma impulsão ou com um elã, considerada em si mesma é uma imensidão de virtualidades, uma mutua sobreposição de milhares e milhares de tendências que só serão, no entanto “milhares e milhares” uma vez exteriorizadas umas com relação às outras, isto é, espacializadas. O contato com a matéria decide a respeito dessa dissociação. A matéria divide efetivamente o que apenas virtualmente era múltiplo e, nesse sentido, a individuação é em parte obra da matéria, em parte o efeito daquilo que a vida carrega em si. (Id. Ibidem, p.280)

Bergson nos mostra com estas duas afirmações acima, que, há um tipo de “fuga” característica da própria vida e que “escapa” a qualquer interpretação racionalista, por isso, redutora e estática. Pensar a vida enquanto mera “extensão” dos seres, espacializando-a pelo viés das relações mecânicas, é o mesmo que subtrair suas potencialidades infinitas. Na verdade, Bergson afirma o constante movimento de tensão imanente da própria vida. Sua imaterialidade, astúcia e criação. Se Simondon trata em

---

que faz com que o processo de crescimento afete um conjunto de funções, depois um outro, em seguida um terceiro e retorna ao primeiro; parece que esta capacidade de resolver problemas é um pouco limitada e apareça como um funcionamento do ser sobre si mesmo, funcionamento que tem uma unidade sistemática e que não pode afetar todos os aspectos do ser ao mesmo tempo. (Id. Ibidem, p.224)”.

sua obra do conceito de *metaestabilidade* enquanto propriedade positiva do Ser; poderíamos dizer que Bergson nos mostra a ideia das “linhas de convergência e de divergência” constitutivas do real. Essa interlocução é cabível, pois em ambos é encontrada uma veemente crítica à metafísica e a uma ontologia. Poderíamos dizer que para Bergson e Simondon, a vida constitui num “dobrar-se”, ou seja, aquilo que é vivo participa de um *teatro da individuação* em que os movimentos são marcados por ressonâncias, diferenciações e composições.

Neste teatro, o indivíduo apresenta-se simultaneamente como sistema em individuação e como um sistema individuante. E nesse processo, a duração<sup>7</sup> rompe com a noção de um tempo submetido a uma consciência pura, como aquela proposta pela Fenomenologia de Husserl, especialmente em sua obra *Lições para uma Fenomenologia da consciência interna/íntima do tempo*, publicada originalmente em 1969 nas *Husserlianas X*.

Nesse sentido, o tempo daquilo que se individua “desliza” ou “escoa” por entre as mensurações dos físicos e mecanicistas. A diferença<sup>8</sup> se dá justamente nesse tempo “que não pode ser mensurável”; duração como movimento puro e de multiplicidades heterogêneas. Esse *teatro da individuação* característico desses dois autores não significaria uma simples justaposição dos eventos naturais ou mera evolução dos seres por acomodação ou sobrevivência, pois uma:

(...) evolução real, por pouco que se a acelere ou que se a desacelere, modifica-se totalmente, interiormente. Sua aceleração ou sua desaceleração é justamente essa modificação interna. Seu conteúdo é uma só e mesma coisa que sua duração. (BERGSON, 2006, p. 14)

O problema avança em muito essas questões. Ele é de ordem metafísica. Mas de uma metafísica que passa a considerar as “ondulações do real”, que busca não totalizações conceituais capazes de abarcar todas as coisas, mas sim, explicações que se

---

<sup>7</sup>No entanto, como não ver que a essência da duração é fluir e que o estável acostado ao estável não resultará nunca em algo que dura? O que é real não são os “estados”, simples instantâneos tomados por nós, mais uma vez, ao longo da mudança; é, pelo contrário, o fluxo, é a continuidade de transição, é a própria mudança. Essa mudança é indivisível, ela é mesma substancial. Se nossa inteligência se obstina em julgá-la inconsistente, em acrescentar-lhe não sei que suporte, é porque a substitui por uma série de estados justapostos; mas essa multiplicidade é artificial, artificial também a unidade que nela restabelecemos. Aqui, há apenas um ímpeto ininterrupto de mudança – de uma mudança sempre aderente a si mesma numa duração que se alonga sem fim.

<sup>8</sup> “Assim, a palavra ‘diferença’ designa ao mesmo tempo, o *particular que é e o novo que se faz*. (DELEUZE, 2012, p. 120, grifo do autor.)”

adaptam exatamente, exclusivamente a cada coisa. Uma metafísica que não recusa os dados da ciência, ao contrário, necessita dos fatos da experiência para se pronunciar.

Quão mais instrutiva seria uma metafísica realmente intuitiva, que seguisse as ondulações do real! Já não abarcaria mais de um só golpe a totalidade das coisas; mas de cada uma daria uma explicação que a ela se adaptaria exatamente, exclusivamente. Não começaria por definir ou descrever a unidade sistemática do mundo: quem sabe se o mundo é efetivamente uno? Apenas a experiência poderá dizê-lo e a unidade, caso exista, aparecerá ao termo da procura como um resultado; impossível de pô-la de saída como princípio. Será, aliás, uma unidade abstrata e vazia, provinda de uma generalização suprema, que seria com a mesma propriedade a unidade de qualquer mundo possível. (Id. *Ibidem*, p. 28)

Temos assim, um tipo de sistema dentro de sistema. Sempre atual a si mesmo, realizando-se sempre num processo de comunicação no “interior” de si mesmo. O mesmo que dizermos: são singularidades infinitas que se comunicam num jogo de ressonâncias e nuances. E se falamos de uma metafísica, não é mais tendo como fundamento um sujeito constituinte ou transcendental. Na verdade, esse sujeito (fundamento) foi “destruído” em favor de sua coextensividade à vida (realidade – fato).

O indivíduo nunca será uma unidade (afirmação no mínimo paradoxal) no sentido usual desta palavra, isto é, matemático e quantitativo, dado à complexidade que o envolve enquanto “meio” de uma realidade pré-individual que o compõe. Isto é, um potencial.

Que a personalidade tenha unidade, isto é certo; mas semelhante afirmação nada me ensina sobre a natureza extraordinária dessa unidade que é a pessoa. Que nosso eu seja múltiplo, também concedo, mas há aí uma multiplicidade com relação à qual não há como não reconhecer que ela nada tem em comum com nenhuma outra. O que importa verdadeiramente à filosofia é saber *que* unidade, *que* multiplicidade, *que* realidade superior ao um e ao múltiplo abstratos é a unidade múltipla da pessoa. (...). Agora, conforme a vertente que escolher para descer desse vértice, desembocará na unidade ou na multiplicidade ou em qualquer um desses conceitos pelos quais se procura definir a vida movente da pessoa. Mas nenhuma mistura desses conceitos entre si, insistimos, daria algo que se assemelhe à pessoa que dura. (BERGSON, 2006, p. 205, grifo do autor).

O “eu” neste caso, seria constituído por um complexo de individuações, impedindo-nos de falar em um “eu puro” fora do tempo, do espaço e do mundo. A individuação em Simondon dissolve no coletivo a ideia de um “eu” ou de um “sujeito” pela força de uma realidade pré-individual e por isso, impessoal. Nessa direção, no III capítulo da obra *A Evolução Criadora* intitulada, *Da significação da vida. A ordem da natureza e a forma da inteligência*, Bergson dá um exemplo bastante claro desse

“teatro”, quando fala de inteligência e instinto ou da gênese da inteligência e da gênese dos corpos. E numa frase bastante intrigante, nos apresenta um problema:

Intelectualidade e materialidade ter-se-iam constituído, no detalhe, por adaptação recíproca. Ambas derivariam de uma forma de existência mais vasta e mais alta. É nesta última que se as deveria reinserir para as ver dali surgirem. (BERGSON, 2005, p. 204).

O grifo nosso na citação acima é justamente para indicar a importância da frase, pois para Bergson existe um movimento próprio, particular às coisas que fogem do domínio, tanto de uma metafísica tradicional, quanto de uma psicologia ou cosmologia. Arriscaríamos a dizer que há um plano pré-individual, tanto como àquele afirmado por Simondon. Mais adiante no texto, Bergson faz a seguinte observação:

(...) aliás, quando mais a física avança, tanto mais apaga a individualidade dos corpos e até mesmo das partículas nas quais a imaginação científica começava por decompô-los; corpos e corpúsculos tendem a fundir-se em uma interação universal. Nossas percepções dão-nos muito mais o desenho de nossa ação possível sobre as coisas do que o das próprias coisas. (Id. Ibidem: 206).

Não haveria nessa frase do Bergson uma crítica ao princípio do hilemorfismo, tal qual nós a encontramos em Simondon? E não seria justamente essa crítica que nos ajudaria a aproximá-los, dado que Bergson afirma sobre os limites da nossa percepção, basta lermos com mais atenção a parte da citação acima grifada por nós. Aquilo que Bergson chama de “movimento”, podemos entender como distinto da ideia de forma ou espacialidade. O “movimento” é o indicador do “diferenciante” que faz tanto o espírito (inteligência), quanto à matéria diferenciar-se.

Mas um problema é mantido, que é o da gênese. Podemos pensar a ideia de distensão e contração, mas sem esquecermos “algo” ou “alguma coisa” que antecede qualquer espécie de forma, ou o que Bergson chama de corte entre o “organizado e o inorganizado”. E esse complexo de individuação é o processo que leva ao aparecer da diferença. A individuação faz com que a diferença apareça.

Segundo Simondon, no momento em que se pensa o indivíduo e sua gênese, a individuação traça um o caminho diferente e inverso em contraposição à ideia de forma e matéria. O indivíduo é o resultado de alguma coisa que o atravessa e o dobra. Esse “fora” que promove uma espécie de dobra não caracteriza o ausente ou qualquer ideia de transcendência. Falamos de dobras temporais promovidos por esse fora sobre uma ipseidade – um si mesmo que se abre à diferença. Essas dobras do tempo como duração

e que faz com que uma coisa se diferencie de outra e de si mesma. Bergson chamará essa diferença de “diferença de natureza”, esta, sem ser necessariamente negativa.

Na metaestabilidade pensada por Simondon, poderemos enxergar as tênues nuances do elemento diferenciante que age sobre as coisas, fazendo-nos afastar da ideia de origem, princípio ou fundamento expressos na figura de uma consciência. O pré-individual e impessoal, compreende justamente a individuação em seu estado de tensão. Estendendo a crítica à ciência, mesmo que rapidamente neste texto, é bom salientarmos que para Bergson, a ciência trata o vivo com o mesmo estatuto da matéria bruta, de forma bastante diferença da própria filosofia. Para Bergson, (...) *A filosofia invade assim o domínio da experiência. Envolve-se em muitas coisas que, até então não lhe diziam respeito. Ciência, teoria do conhecimento e metafísica ver-se-ão levadas para o mesmo terreno.* (Id. Ibidem: 216).

Em Bergson, não podemos considerar a diferença apenas enquanto diferença de “graus”. Entre a matéria inerte ou bruta e aquilo que é vivo as diferenças se dão por “natureza”. É aqui, propriamente falando que se institui o terreno da metafísica, isto é, *quanto mais se embrenha nas profundezas da vida, tanto mais o conhecimento que nos fornece se torna simbólico, relativo às contingências da ação.* (Id. Ibidem: 217).

Se o que está em jogo são *as contingências da ação*, segundo Bergson, as teses de Simondon encontram ainda mais ressonância, afinal, o indivíduo não é aquele que conduz a verdade em sua adequação com a coisa. Haverá sempre algo inacabado no processo de individuação em sua realidade pré-individual, que em Bergson se apresenta enquanto fluxo de tendências. Logo, o indivíduo é aquele que se defasa e avança. Dispersão versus estagnação, ou seja, teremos sempre um potencial pré-individual, onde a individuação é sempre um ato diferenciando-se. Uma sobressaturação do indivíduo em que o ser se conserva pelo seu devir. A ideia de diferenciação chamada por Simondon de *transdutividade*<sup>9</sup> corresponde às operações pelas quais há o movimento do pré-

---

<sup>9</sup>“Entendemos por transdução uma operação física, biológica, mental, social, através da qual uma atividade se propaga pouco a pouco no interior de um domínio, fundamentando esta propagação sobre uma estrutura do domínio operada de lugar em lugar: cada região da estrutura constituída serve à região subsequente como princípio de constituição, embora uma modificação se estenda progressivamente ao mesmo tempo em que a operação estruturante... “(...) A operação transductiva é uma estrutura reticular amplificadora. É uma individuação em progresso. Ela pode no domínio físico efetuar-se da maneira mais simples sob forma de interação progressiva; mas ela pode, em domínios mais complexos, como os domínios de metaestabilidade vital ou problemática psíquica, avançar constantemente e propagar-se num domínio de heterogeneidade; existe a transdução quando existe atividade partindo do centro do ser, estrutural e funcional, indo a diversas direções a partir desse centro, como se múltiplas dimensões do ser

individual à individuação. Seja a individuação psíquica ou social, pouco importa. Elas são dois pontos de tensão emaranhados, relações de incerteza que colocam em crise qualquer tentativa de separação do indivíduo e dos seus modos de individuação. Neste caso, o indivíduo para Simondon, enquanto resultado de um processo ou movimento, se afirma numa metaestabilidade. Este conceito não suporta no seu interior, a noção de identidade individual, pessoal, plenamente realizada e finalizada. A metaestabilidade se consegue com a sobressaturação do indivíduo<sup>10</sup>, ou o que Bergson denominou de *diferença interna*<sup>11</sup>.

Se Bergson fala de *diferença interna*, Simondon utiliza o conceito de *ressonância interna*, isso significaria que o *vivo* possui em si mesmo, um potencial de individuação: se implica e se adapta ao meio transformando-se de acordo com suas necessidades internas – seria como uma equação: pressão do meio/do fora produzindo uma individuação como uma nova organização, sem pontuar uma necessária origem e finalidade. É a partir desse jogo que podemos pensar o problema ontológico da gênese do indivíduo. Mas é importante salientar que tal tarefa, para Bergson, fugiria completamente da pretensão em se buscar uma determinada ordem a partir do entendimento que esta viria de fora – como uma consciência transcendental, por exemplo:

---

aparecessem em torno deste ser; a transdução é o aparecimento correlativo de dimensões e de estruturas num ser em estado de tensão pré-individual, isto é, num ser que é mais que unidade e mais que identidade e que ainda não está defasado em relação a si mesmo em dimensões múltiplas. (Simondon, 1964, p.18-19)”.

<sup>10</sup> Para Simondon, não podemos falar de uma identidade do indivíduo vinculada diretamente à identidade dos objetos técnicos. Como se a identidade do eu fosse conseguida num processo de adequação entre sujeito e objeto. Segundo Simondon, isso não é possível porque os mesmos objetos também não são plenamente constituídos por um cogito ou por um eu puro. Poderíamos dizer que tal perspectiva diferencia-se do pensamento de Husserl e de sua noção de reciprocidade. Tal problema nos levaria à leitura feita por Deleuze de Bergson, em especial, sua obra *O bergsonismo*<sup>10</sup> (1966), em um texto presente no apêndice, denominado *A concepção de diferença em Bergson*, escrito em 1956. Nesse texto, Deleuze problematiza a ideia da “natureza da diferença” em Bergson, ou seja, sobre os diferentes graus da natureza. Estamos diante de um problema ontológico.

<sup>11</sup>Objetar-se-á que a diferença interna não tem sentido, que uma tal noção é absurda; mas, então, negar-se-á ao mesmo tempo que haja diferenças de natureza entre as coisas do mesmo gênero. Ora, se há diferenças de natureza entre os indivíduos de um mesmo gênero, deveremos reconhecer; com efeito, que a própria diferença não é simplesmente espaço-temporal, que não é tampouco genérica ou específica, enfim, que não é exterior ou superior à coisa. Eis por que é importante, segundo Bergson, mostrar que as ideias gerais nos apresentam, ao mesmo, mas frequentemente, dados extremamente diferentes em um agrupamento tão só utilitário. “(...) é nesse sentido que as diferenças de natureza são já a chave de tudo: é preciso partir delas, é preciso inicialmente reencontra-las. Sem prejudicar a natureza da diferença como diferença interna, sabemos já que ela existe, supondo-se que haja diferenças de natureza entre coisas de um mesmo gênero (...)” (DELEUZE, 2012, p. 120).



Pois o esforço que empenhamos para ultrapassar o puro entendimento nos introduz em algo mais vasto, onde nosso entendimento se recorta e de onde deve ter se despregado. E, como a matéria se rege pela inteligência, como há entre elas um evidente acordo, não se pode engendrar uma sem fazer a gênese da outra. Um processo idêntico deve ter talhado ao mesmo tempo matéria e inteligência em um tecido que as continha a ambas. Nessa realidade, nos reinseriremos cada vez completamente, à medida que nos esforçarmos mais por transcender a inteligência pura. (BERGSON, 2005, p. 217).

Neste caso, tanto para Simondon, quanto para Bergson, o processo de individuação pela diferenciação é sempre mais vasto que o indivíduo e seu solipsismo, dado que eles procuram escapar das formulações que esforçam e reforçam a consciência enquanto princípio de individuação, visto que “aquilo que é vivo” não se esgota em si mesmo e nem existe em função de uma síntese originária. O que há em lugar do indivíduo é um território de infinitas singularidades.

O sujeito pode ser concebido como a unidade do ser enquanto ser vivo individualizado e enquanto ser que se representa sua ação através do mundo como elemento e dimensão do mundo; os problemas vitais não são fechados sobre eles mesmos; sua axiomática aberta só pode ser saturada por uma sequência indefinida de individuações sucessivas que engajam sempre mais realidade pré-individual e o incorporam dentro da relação com o meio; afetividade e percepção se integram em emoção e em ciência que supõem um recurso às novas dimensões. (SIMONDON, 1964, p.12).

No encontro entre o pensamento de Bergson e o de Simondon, o que mais chama atenção é que o conceito de ontogênese ganha um alargamento impressionante, exigindo uma torção ao pensar a teoria do conhecimento e a metafísica. As afirmações como as da *fenomenologia* em impor um estatuto ontológico baseado num princípio unificador das vivências à consciência, num tipo de “supremacia do eu” no jogo da produção de significados e sentidos, estes, dissociados do tempo objetivo e indicador de uma “pureza” do ego, caem por terra ou deixam de expressar as circunstâncias em que a vida verdadeiramente se expressa<sup>12</sup>. Se para a *fenomenologia* a consciência é intenção e

---

<sup>12</sup>O grande erro das doutrinas espiritualistas foi o de acreditar que ao isolarem a vida espiral de todo o resto, suspendendo-a no espaço tão alto quanto possível acima da terra, poderiam colocá-la fora de todo alcance: como se assim não a expusessem simplesmente a ser tomada por um efeito de miragem! Decerto, têm razão em escutar a consciência, quando a consciência afirma a liberdade humana; mas a inteligência esta aí, dizendo-nos que a causa determina o efeito, que o mesmo condiciona o mesmo, que tudo se repete e que tudo está dado. Têm razão em acreditar na realidade absoluta da pessoa e na sua independência em face da matéria; mas a ciência está aí, mostrando-nos a solidariedade da vida consciente e da atividade cerebral. Têm razão em atribuir ao homem um lugar privilegiado na natureza, em tomar por infinita a distância do animal para o homem; mas a história da vida está aí, fazendo-nos assistir à gênese das

o objeto tem a função de *preenchimento*, o mesmo não poderia dizer ao citarmos Bergson, dado que para este último, consciência é, sobretudo memória, retenção e antecipação a serviço ora da inteligência, ora da intuição (aspectos de uma individuação). Como já falamos em outra ocasião, o caminho de Simondon é o mesmo. Aquilo que se acreditava como princípio e condição de formação é visto agora como derivações. A ideia de substância é insuficiente para se compreender ou descrever a ontogênese. E se não há mais a ideia de homogeneidade, o que encontraremos é a dissimetria em contraposição ao equilíbrio estável, pois este é indicador de uma calmia onde todas as atualizações já foram realizadas. Essa dissimetria provocadora de uma disjunção ou *disparidade*<sup>13</sup> é condição para anular a noção de intencionalidade na *fenomenologia*, em especial, a de Husserl.

Conceitos como *disparidade*, *disjunção*, *metaestabilidade*, *linhas de fatos*, *tendências*, reforçam que a *diferença* em sua natureza particular impulsiona o movimento dos corpos. Elimina-se a ideia de uma substancialização como princípio e síntese do ego independente do mundo e do tempo, como se ele fosse purificado. Na Introdução do texto *L'individu et sa gênese physico-biologique*, encontramos uma observação bastante esclarecedora e que diz respeito à afirmação que acabamos de fazer:

O coletivo intervém como resolução da problemática individual, o que significa que a base da realidade coletiva já está parcialmente contida no indivíduo, sob forma de realidade pré-individual que permanece associada à realidade individuada; o que se considera em geral como relação por causa da substancialização da realidade individual, é de fato uma dimensão da individuação através do qual o indivíduo se torna: a relação, ao mundo e ao coletivo, é uma dimensão da individuação à qual participa o indivíduo a partir da realidade pré-individual que se individua etapa por etapa. (SIMONDON: 1964, p. 12-13).

---

espécies por via de transformação gradual e parecendo assim reintegrar o homem na animalidade. (BERGSON, 2005, p. 291).

<sup>13</sup>(...) Mas o que define essencialmente um sistema metaestável é a existência de uma “disparation”, pelo menos de duas ordens de grandeza, de duas escalas de realidade díspares, entre as quais ainda não há comunicação interativa. Ele implica, portanto, uma diferença fundamental, como um estado de dissimetria. Se é, entretanto, sistema, é à medida que nele a diferença é como energia potencial, como diferença de potencial repartida em tais ou tais limites. Neste ponto, a concepção de G. Simondon parece poder se reaproximar de uma teoria das quantidades intensivas; visto que é em si mesma que cada quantidade intensiva é diferente. Uma quantidade intensiva compreende uma diferença em si, contém fatores do tipo E-E ao infinito e se estabelece primeiro entre três níveis díspares, ordens heterogêneas que só entrarão em comunicação mais tarde, em extensão. Como o sistema metaestável, ela é estrutura (ainda não é síntese) do heterogêneo (DELEUZE: 1966, Revue Philosophie, n.1).

Ou seja, Simondon nos diz que a “substancialização individual” é apenas uma dimensão da relação que o indivíduo estabelece com o mundo, com o coletivo. É essa perspectiva de uma “individuação coletiva” (citada acima), que Bergson apresenta no final do III Capítulo de *A evolução Criadora*:

O animal encontra seu ponto de apoio na planta, o homem cavalga na animalidade e a humanidade inteira, no espaço e no tempo, é um imenso exército que galopa ao lado de cada um de nós, na nossa frente e atrás de nós, numa carga contagiante, capaz de pulverizar todas as resistências e franquear muitos obstáculos, talvez mesmo a morte. (BERGSON, 2005, p.293).

Para não ficarmos presos a uma realidade quase ou inteiramente caótica, tendo em vista a apresentação de Bergson e de Simondon da constituição da vida enquanto *tendências e disparidade* teremos uma noção bastante importante para não cairmos no abismo caótico do indiferenciado: a compreensão da ideia de *participação*. Falamos de participação quando o sujeito individuado é compreendido numa dimensão do mundo. O ser não se fecha ou se encerra em si mesmo, inversamente ele vive, e viver aqui é inserir-se em um estado de expectativa constante, que exige atenção, afinal, este ser no mundo, vê-se constantemente em situações onde além de se ocupar com que é, deverá também ocupar-se com o que ele irá ser a partir de suas escolhas e decisões. Essa problemática é elemento constitutivo ao jogo existencial da própria vida, afinal, *não há consciência sem uma certa atenção à vida*. (BERGSON, 1989, p. 191) ou (...) *Parece-me, pois, verossímil que a consciência, originalmente imanente a tudo o que vive, se entorpece quando não há mais movimento espontâneo e se exalta quando a vida se apoia na atividade livre*. (Id. Ibidem, p. 194). Não teríamos nessas duas afirmações feitas por Bergson, um pequeno exemplo de *participação* da consciência a partir das noções de “atenção e atividade livre”? Essa mesma *participação* exigida por Simondon (mesmo diferenciada e heterogênea), mas que envolve as infinitas séries, também não seria requisito para a vida?

Entretanto, o ser físico não pode ver em si mesmo sua própria problemática; ela se encarrega da realidade pré-individual, ao mesmo tempo em que ela se individua como ser psíquico que ultrapassa os limites do ser vivo individuado e incorpora o ser vivo em um sistema do mundo e do sujeito, permite a participação sob forma de condição de individuação do coletivo (...) (SIMONDON, 1964, p. 12).

A *diferença*, sempre ressaltada no texto, constitui-se de singularidades livres que perpassam os indivíduos, sem se prender a sua forma e matéria (ato final de um movimento) correspondentes à sua individuação. Essas singularidades constituem e

diferem um campo pré-ontológico, isto é, um campo transcendental sem sujeito. Esse campo transcendental está aquém dos indivíduos constituídos, diferenciando-se completamente da condição de pensá-lo a partir da ideia de consciência meramente fulgurante e constituinte, pois nele, ela – a consciência<sup>14</sup> – torna-se “ponte”, ligação entre o que “não é”, ou seja, o indivíduo opera a partir de uma consciência que retém o que não é (passado) para antecipar o que ainda não é (futuro). Esse campo transcendental o qual nos referimos, chamamos também de imanência. Campo despovoado de “eus”. Associamos a ciência e a metafísica sobre o primado de uma preocupação semelhante: um plano de organização no qual se distribuem os indivíduos constituídos. Nele teremos o mundo das formas e dos sujeitos: a coisa é a partir de uma consciência doadora de sentido. Uma transcendência sob a forma de uma vontade humana. É ela que tem como meta, organizar o caos, dar sentido e fundamento ao mundo criando uma rede de significações em nome de uma ordem, de uma lei que lhe dá e inventa uma forma. Por outro lado, a vida em seus desdobramentos, nós a chamamos de campo transcendental, campo de singularidades, plano de imanência.

A *significação da vida* para Bergson e Simondon, se define pelo conjunto de afetos intensivos de que ela é capaz. A vida como imanência absoluta que não luta e nem reivindica nada fora de si para a sua justificação e existência. Ela é pura. É região de fluxos, sobressaltos e de atualização de virtualidades infinitas. Virtualidades-acontecimentos que criam uma passagem para campo problemático. Um arremesso à vida e suas novas exigências. A vida, em sua imanência, chamará de realidade intensiva, o terreno fértil da potencialidade-virtualidade que não cessa de atualizar-se continuamente. Se para Bergson, o plano que se abre ao transcendental é traçado a partir da relação ideal-virtual-actual, em Simondon, esse plano é caracterizado pela intensidade da ressonância interna interiores da vida e das suas relações. É da vida enquanto imanência, que agora podemos definir um estatuto problemático do ser a partir de um horizonte aberto de tendências.

---

<sup>14</sup>Reter o que *já não é*, antecipar o que *ainda não é*, eis a primeira função da consciência. Não haveria para ela o presente se este se reduzisse ao instante matemático. Este instante é apenas o limite, puramente teórico, que separa o passado do futuro; ele pode a rigor ser concebido, não é jamais percebido; quando cremos surpreendê-lo, ela já longe de nós. O que percebemos de fato é uma certa espessura de duração que se compõe de duas partes: nosso passado imediato e nosso futuro iminente. Sobre este passado nos apoiamos, sobre este futuro nos debruçamos; apoiar-se e debruçar-se é o que é próprio de um ser consciente. Digamos, pois, que a consciência é o traço de união entre o que foi e o que será, uma ponte entre passado e futuro. (BERGSON, 1989, p. 191, grifo nosso).

Encontraremos nas obras já citadas de Bergson e Simondon, que o sentido é dado pelas misturas dos corpos entre si, seus estranhamentos e aproximações, convergências e divergências. Associações e dissociações. Junção e disjunção. É justamente na possibilidade dos encontros provenientes de infinitas composições que a vida e o sentido serão possíveis. Ao falarem da *vida*, veremos em Bergson e em Simondon a exposição radical do conceito de devir e de movimento, ambos demarcados firmemente em função do entendimento do conceito de *natureza da diferença*, mesmo com todas as incertezas e dificuldades que envolve o conceito. Mas, independentemente daquilo que seja desconhecido no campo problemático envolvendo a natureza da diferença, não podemos negligenciar as potências próprias que perpassam tudo aquilo que é vivo e suas díspares relações. Dessa maneira, em lugar de pensar uma consciência enquanto princípio originário de significação, Bergson e Simondon nos joga no ‘mundo do meio’, em que colocar-se em marcha é o mesmo que estarmos sempre numa travessia.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. Introdução (primeira parte/segunda parte). In. *O Pensamento e o Movente*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 3-102.

BERGSON, Henri. Introdução à Metafísica. In. *O Pensamento e o Movente*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 183-234.

BERGSON, Henri. Da significação da vida. A ordem da natureza e a forma da inteligência. In. *Evolução Criadora*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 203-293.

BERGSON, Henri. A consciência e a vida. In. *Conferências* (Col. Os Pensadores); Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 189-202.

DELEUZE, Gilles. A concepção da diferença em Bergson. In. *Bergsonismo*. Trad. Lia Guarino e Fernando Fagundes Ribeiro. São Paulo: editora 34, 2ª ed., 2012, p.119-148.

MORA, Ferrater J. Heceidade. In. *Dicionário de Filosofia*. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2001, p.1286.

SIMONDON, Gilbert. *L'individu et sa gènesse physico-biologique. L'individuation à la lumière des notions de forme e d'information*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964, 304 p.